

# Editorial

Vera Lopes\*  
Carlos Nogueira\*\*

Em 16 de novembro de 2022, demarca-se o centenário de José Saramago. A história literária e cidadã desse grande escritor fundamenta o exercício de sua homenagem. Trata-se de momento propício para que se comemore sua longa vida, muito além dos seus 88 anos fisicamente ao nosso lado, bem como para que pensemos no amplo leque de temas que emanam de sua bela obra. Consagrado internacionalmente, tendo recebido o Prêmio Nobel de Literatura em 1998, o autor português é uma personalidade ímpar, haja vista sua expressão ultrapassar a linha da produção literária e adentrar o comportamento político, compromissado com a vida, segundo suas próprias palavras: “Damos voltas e voltas, mas, na realidade, só há duas coisas: ou você escolhe a vida, ou se afasta dela [...]”(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 33). Esse compromisso com a vida tem lastro no comunismo, nas ideias de Karl Marx, o que ele assume fielmente: “Não sou um escritor comunista, o que sou é um comunista escritor, o que é diferente[...]”. E ainda:

Existe uma coisa que eu chamaria de comunismo hormonal. É como se os hormônios determinassem que a pessoa tem de ser aquilo que ela é, que mantenha uma relação estreita com os fatos, com a vida, com o mundo, com a sociedade. É como um estado de espírito ou seus hormônios assim a definiriam para sempre. Acho que é isso que acontece comigo em relação ao comunismo [...] (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 365)

Dito isto, convém não esquecer que o socialismo de Saramago não é o socialismo científico de Marx; o socialismo saramaguiano, embora de matriz marxista em aspetos essenciais como o envolvimento moral humanitário e a construção de uma sociedade justa para todos, reclama-se da tradição da liberdade e da responsabilidade individual. Combina a liberdade individual com uma ideia de sociedade (de coletivismo, podemos

\* Doutora em Literatura Comparada pela UERJ; Professora vinculada ao Programa de pós graduação em Letras da PUC Minas, ministrando disciplinas da área de literaturas de língua portuguesa; coordenadora do grupo de pesquisa “Saramago, leitor de Marx”.

\*\* Diretor científico da Cátedra José Saramago da Universidade de Vigo (Espanha). Regente da Cátedra José Saramago da UTAD (Portugal).

dizer) não marcada (ou menos marcada) pela divisão entre exploradores e explorados, entre opressores e oprimidos, entre muito ricos e radicalmente pobres: “Não é uma utopia. O comunismo é uma possibilidade [...]” (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 368); “Marx nunca teve tanta razão como hoje [...]” (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 368). Essas afirmações, que poderão parecer desajustadas da realidade e até em contradição com o que Saramago disse noutros momentos, são fundamentais para nos situarmos bem na essência do pensamento, da ação cívica e política e da escrita literária e não literária do autor de **Ensaio sobre a cegueira**; e são sobretudo se as confrontarmos com outras, também de Saramago, que parecem ser o seu reverso: “Ressuscitar Marx? Não. Estamos num tempo diferente. É preciso algo mais criativo que a simples indignação, que é legítima, para mudar as coisas [...]” (GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 369). Nessas palavras, percebe-se bem que a dialética saramaguiana, sem deixar de ser materialista e de se instituir na ideia de luta de classes, supera o materialismo do **Manifesto do Partido Comunista**.

José Saramago foi um socialista libertário. Não há nesse epíteto qualquer resíduo de contradição nos termos; usamo-lo para nomear a assunção plena, em Saramago, dos deveres individuais que a liberdade impõe (ou oferece) a cada um de nós, que não devemos sacrificar a nossa liberdade para nos libertarmos de responsabilidades. Ser socialista como Saramago não equivale a acreditar que no fim da História (que Marx nunca situou cronologicamente) haverá uma sociedade perfeita, comum a todos os homens e a todas as mulheres. José Saramago não era ingênuo, nem excessivamente otimista em relação à(s) natureza(s) humana(s) e à indeterminação da História, e a prová-lo temos tanto os seus depoimentos como a sua escrita literária.

A literatura de Saramago, em especial a parte romanesca, não deixa quaisquer dúvidas sobre a largueza e a profundidade do conhecimento do autor sobre os seres humanos e as sociedades humanas (recorremos ao plural conscientemente). Ver na sua escrita e nas suas ideias e ideais o anúncio, tácito ou explícito, do fim previsto pela ciência marxista (a anulação de todas as diferenças entre pessoas e grupos humanos) é um erro e uma injustiça que, aliás, Saramago nunca aceitou, nem tolerou.

Detenhamo-nos um pouco mais no marxismo de José Saramago, tal como o entendemos. No artigo “*José Saramago’s ‘magical’ historical*”

*materialism*”, André Santos Campos escreve: “*the problem at hand is that of explaining what kind of historical materialism can be found in Saramago’s fiction, that is, how Saramago can preserve it in harmony with his non-naturalistic fiction [...]*” (CAMPOS, 2018, 67). Essa questão suscita outra: a da compatibilidade ou incompatibilidade entre esse materialismo histórico e os elementos mágicos (ou “impossíveis”, “inverossímeis”) tão próprios da obra literária de Saramago; obra que o próprio autor tantas vezes define como “realista”, o que nos coloca perante outra contradição aparente ou real. Ao respondermos a essas perguntas, estaremos também a verificar se as constantes e inequívocas referências marxistas presentes nas declarações de Saramago se concretizam ou não (e de que modo) na sua obra literária.

Ou seja: os romances de Saramago traduzem um conflito entre o poder institucionalizado e uma concepção base-topo das forças produtivas da História. Esses dois elementos, só por si, combinados com o quadro de referência marxista em que o próprio Saramago se coloca ativamente como cidadão, sustentam o materialismo histórico de romances como **Memorial do convento** e **Ensaio sobre a cegueira**. Para que essa afirmação permaneça válida, temos de destacar e compreender uma (aparente) contradição (ou contraste): trata-se de perceber por que motivo a energia que desencadeia o movimento de transformação de baixo para cima consiste, antes de mais, em elementos inverossímeis (impossíveis ou mágicos).

À primeira vista, inverossimilhanças a atuar tão ativamente na transformação social (como a passarola ou o dom de Blimunda) sugerem que, afinal, não é legítimo falarmos de materialismo histórico em sentido estrito nos romances de Saramago. Porém, o que há é um contraste, não uma contradição, entre o materialismo histórico marxista e os elementos inverossímeis da ficção de Saramago. É nesse contraste que se gera o materialismo histórico saramaguiano, que supera Marx ao instalar, bem no centro da mudança das forças de produção, um ou vários elementos inverossímeis, próprios de figuras como Blimunda, Ricardo Reis, Raimundo Silva, a mulher do médico, a família Algor e Jesus.

Esses componentes “impossíveis” (características, comportamentos, ações, acontecimentos) são ao mesmo tempo metafóricos e simbólicos, como é óbvio, e a sua relevância torna-se mais evidente se, para tentarmos compreendê-los, usarmos os termos “espiritual” e “espiritualidade”. Essas palavras suscitam e são muitas vezes substituídas por outra, “espírito”, que

é o princípio imaterial das funções superiores do ser humano: o pensamento intelectual, ou, dito de outro modo, o intelecto e os seus processos e resultados (linguagem verbal, conceitos, juízos); a inventividade ético-moral, cultural, estética e sociopolítica; a vontade e o querer; o raciocínio filosófico em geral; o eu livre. “Espírito” tem um sinônimo que é central na história da humanidade e que Marx e Hegel usam em sentidos e com funções diferentes: “Ideia”. Esses vocábulos são essenciais para percebermos a tese que estamos a defender.

Como é sabido, Marx substituiu o “Espírito” de Hegel pela matéria e pelas questões materiais e econômicas. Essas suas afirmações são bem conhecidas, mas vale a pena citá-las, porque nelas o pai do marxismo distingue com clareza as dialéticas materialista e idealista:

*For Hegel, the process of thinking, which he even transforms into an independent subject, under the name of “the Idea”, is the creator of the real world, and the real world is only the external appearance of the idea. With me the reverse is true: the ideal is nothing but the material world reflected in the mind of man, and translated into forms of thought. (CAMPOS, 2018, 102)*

Para os defensores do idealismo, o espiritual origina o material; para os adeptos do materialismo, a proposição inverte-se, e é o material que institui tudo o resto. Para Saramago, o material e o ideal combinam-se de um modo que pode ser bem compreendido sobretudo se partirmos da ideia de que personagens como Blimunda Sete-Luas e Baltasar Sete-Sóis não podem ser simplesmente encerradas em leituras generalistas, românticas e idealizadas. Na profunda e incondicional força espiritual dessas figuras – únicas mas ao mesmo tempo representativas da energia idealista que pode ser desenvolvida por outros homens e mulheres –, converge toda a reinterpretação saramaguiana do materialismo de Marx e uma estimulante perspectiva sobre a relação material-ideal:

*Unlike Marx, the material world does not simply determine the ideal world, and, unlike Hegel, the ideal world does not determine the material world; rather, materialism remains valid and immune to idealist influences with reference to objective historical laws, but idealism becomes entangled in materialism with reference to the subjective specificities of the true agents of History, that is, the*

José Saramago resolve ou atenua uma polarização que tem conduzido a muitas das tragédias da História: a oposição radical entre o material e o ideal, e entre o coletivo e o individual, que, para ele, não constituem forças opostas, mas um par que deve dialogar (e tem dialogado) intimamente.

O inexplicável, em José Saramago, simboliza os “poderes”, melhor, as capacidades ou as possibilidades de certas personagens (e de cada um de nós). Esse realismo fantástico em que as personagens se movem encerra uma mensagem de renovação, é uma energia que nos chega pelo discurso literário de José Saramago. Pensemos n’**A jangada de pedra**. A vara de negrilho, a pedra, os estorninhos, o novelo de lã sem fim, o homem e o cão que sentem a terra tremer, a que cresce, no cão, o fio azul na boca e a sua função de guia silencioso, bem como a Península Ibérica a deslocar-se pelo Atlântico como se fosse uma jangada, são a representação literária de tudo o que nada vida é imprevisível e novo; de tudo o que não cabe na sociedade planificada que limita as mais elementares liberdades individuais. Não foi a vara de negrilho que traçou o risco singular que separou Joana Carda da sua vida anterior; foi a própria Joana Carda que naquele momento se transcendeu:

Joana Carda termina a sua explicação, Era para aqui que eu vinha pensar na minha vida, não deve haver no mundo lugar mais sossegado, mas também inquieto, não precisam de mo dizer, mas se aqui não tivessem vindo não poderiam compreender, e um dia, faz hoje precisamente duas semanas, quando atravessava a clareira de um lado para o outro, para me ir sentar à sombra de uma árvore além, encontrei este pau, estava no chão, nunca o tinha visto antes, viera cá no dia anterior e ele não estava, parecia que alguém o havia pousado cuidadosamente, e não se viam sinais de passos, as pegadasque estão a ver são minhas, ou antigas, de antigas pessoas que por aqui passaram há muito tempo. Estão na orla da clareira, Joana Carda retém ainda os homens, são as últimas palavras, Levantei o pau do chão, sentia-o vivo como se ele fosse toda a árvore de que tinha sido cortado, ou assim o sinto agora quando me lembro, e nesse momento, num gesto que mais foi de criança do que de pessoa adulta, tracei um risco que me separava de Coimbra, do homem com quem vivi, definitivamente, um risco que cortava o mundo em duas metades, vê-se daqui.(SARAMAGO, 2015, p. 151).

A disponibilidade de cada uma dessas personagens para saírem de si e chegarem ao outro é uma metáfora do entendimento que a literatura de Saramago nos propõe a cada um de nós e ao mundo como mosaico de seres humanos, países, povos, línguas, culturas. A nova sociedade que Joana Carda, José Anaiço, Joaquim Sassa, Maria Guavaira e Pedro Orce constroem funda-se na liberdade e na responsabilidade de cada um, em personalidades que são únicas e buscam entendimento no outro. Essas palavras de Joana Carda expressam bem essa vontade de independência e de reconhecimento de quem está também disposto a desafiar as convenções e a rever o seu passado, em nome de um futuro renovado:

Se fui a Lisboa procurá-los, não terá sido tanto por causa dos insólitos a que estão ligados, mas porque os vi como pessoas separadas da lógica aparente do mundo, e assim precisamente me sinto eu, teria sido uma decepção se não tivessem vindo comigo até aqui, mas vieram, pode ser que alguma coisa ainda tenha sentido, ou volte a tê-lo depois de o ter perdido todo, agora acompanhem-me. (SARAMAGO, 2015, p. 151).

Mulheres independentes, homens capazes de alterarem a sua visão sexista do mundo, mulheres e homens que contribuem para o bem-estar comum fora dos estereótipos (por exemplo: Joana Carda decide dormir com José Anaiço no mesmo quarto e na mesma cama e rejeita a passividade amorosa e sexual feminina; os cinco (Joana Carda, José Anaiço, Joaquim Sassa, Maria Guavaira e Pedro Orce) conduzem alternadamente o carro; Joaquim Sassa e José Anaiço preparam as refeições): eis, esquematicamente, como se pode definir a trama de **A jangada de pedra**, a viagem dessas personagens pela Península Ibérica. Essa viagem de uma “família” vale também como metáfora da viagem desejada por Saramago para a nova Ibéria, a ilha que deveria viajar para Sul, para aí formar uma nova pluralidade mais regida pela igualdade.

O marxismo de Saramago articula-se magistralmente com o amor, nas suas plurais e imprevistas manifestações de espírito e de carne. Pilar del Rio, refletindo sobre o encontro leitor-autor das obras saramaguianas e tomando como objeto o percurso de suas criações, por ele denominado “Da estátua à pedra”, aconselha: “Pense que é o mapa da vida literária de José

Saramago que você irá percorrer, e em sua companhia. Não importa: ocorre sempre nos momentos de amor [...]”(SARAMAGO, 2013, p. 14).

O conselho não restringe seu recorte ao processo autor-leitor, mas à própria ação-palavra saramaguiana. Em suas obras, encontramos amor em vários compartimentos. Por exemplo, o homem trabalhador: “Nenhuma empresa do mundo pode estar por cima das pessoas que lá trabalham. É utópico, é idealista, mas é a única maneira humana de ver as coisas [...]”(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 145; o cão: “Perdido, o nome assenta-lhe bem, Há outro que lhe assentaria melhor, Qual, Achado, [...] Estava perdido e foi achado [...]”(SARAMAGO, 2000, p. 53); a mulher: “As histórias de amor dos meus romances, no fundo, são histórias de mulheres, o homem está ali como um ser necessário, às vezes importante, é uma figura simpática, mas a forma é da mulher [...]”(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 266); a literatura: “As palavras trazem a sabedoria do vivido [...]”(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 188) Portugal: “Não sei até que ponto este país [Portugal] precisa de mim, mas sei até que ponto eu preciso dele. Este país agrada-me até aquilo que tem de menos bom. Há uma relação muito mais importante do que isso que se chama patriotismo; é uma relação carnal, de raízes [...]”(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 99); a relação entre casais: “Aprendi que o sentimento do amor não é mais nem menos forte conforme as idades, o amor é uma possibilidade de uma vida inteira, e se acontece, há que recebê-lo [...]”(GÓMEZ AGUILERA, 2010, p. 35); e tantos outros que pautam esse sentimento.

Tomando como sugestão o conselho da fiel escudeira de Saramago, este dossiê reúne artigos e ensaios cujos autores se debruçam sobre os modos de tratar o amor na obra de José Saramago, sentimento tomado sempre em posição ideológica, quer no que se refere aos comportamentos entre casais, quer em relação à pátria, à humanidade, à história, etc. A seguir, anunciam-se esses textos, colhendo de suas próprias palavras os modos de amor presentes em Saramago.

O primeiro artigo é uma declaração de amor a José Saramago, de autoria da Professora Lélia Parreira Duarte: “Quem se calar quando eu me calei não poderá morrer sem dizer tudo: Homenagem a Saramago”. Ela se propõe, conforme o título anuncia, a fazer uma consagração ao autor português. Dedicar-se a isso, lembrando “a chegada ao Brasil do Levantado do chão, as primeiras análises do romance e a evolução de suas

personagens que, inicialmente sem voz, desvalidas e ‘esquecidas’, tornam-se capazes de um discurso próprio e chegam a líderes de uma revolução transformadora [...]”. Não se contentando com essas ideias, a professora ainda focaliza personagens femininas outras, de outros romances do autor, de forma a pôr em relevo a posição carinhosa de José Saramago em relação às mulheres fortes, seu criador em relação a sua criatura. Por fim, também discute como a questão da religião é objeto de reflexão para um comunista-pessimista e um ateu-religioso, imagens que revelam um grande humanista, “sempre preocupado com uma enunciação dialógica problematizadora, capaz de testemunhar o sofrimento e as manobras do poder [...]”.

Os estudiosos Augusto Rodrigues Silva Jr., Marcos Eustáquio de Paula de Paula e Sara Gonçalves Rabelo, analisam a obra **As intermitências da morte** (2005), de José Saramago, articulando a coletividade, explorada na primeira parte do livro, e os dramas humanos e amorosos vividos pelo violoncelista e pela morte “mulherificada”. Segundo essa articulação, pela tanatografia, esses elementos colocam em debate sistemas e condições humanas sob viés políticofilosófico, tudo semeado “nas alcovas saramaguianas”. Bakhtin e Marx sustentam toda a reflexão sobre o caráter “desalienante” instigado pelas pulsões amorosas e mentais dessa novela filosófica das paixões como atividades. José Saramago encontra “a verdadeira outra área do conhecimento – o amor”, conforme “As intermitências da morte: José Saramago na tanatografia que ama”.

O artigo de Daniel Vecchio, “O amor possível em José Saramago”, põe em cena as histórias de amor escritas em **Memorial do convento** (1982) e **História do cerco de Lisboa** (1989), discorrendo sobre como consistem em uma reunião de sutis e amplas manifestações de sentimentos e afetos que formam as virtudes do contato íntimo entre homens e mulheres. A comparação elucida a construção de um amor materializado na possibilidade do viver, na esteira do que o próprio escritor afirma no livro-entrevista de Juan Arias, **Saramago: o amor possível**, de 2000: o amor representado em suas narrativas é sempre “possível”, sem sofrimentos desmedidos ou tarefas irrealizáveis, distante, portanto, das representações mais convencionais que se prendem aos aspectos físicos e idealizadores das relações amorosas.

Fernângela Diniz da Silva intitula seu artigo “O ano de 1993: Eros como resistência no prelúdio da ficção saramaguiana”, tomando como objeto a obra em que José Saramago narra a jornada de pessoas contra a

perseguição e a violência provocadas por forças autoritárias responsáveis por submetê-las ao controle e à hostilidade. Segundo a autora, “um dos aspectos figurativizados como força auxiliadora desse povo é o amor, especialmente o relacionado ao erotismo [...]”, o que abriu espaço para o estudo do amor e do sexo na produção, expondo a construção temático-figurativa do discurso e evidenciando o surgimento do efeito insólito dos acontecimentos.

Frederico Dias, em “Amor e adaptação em **O homem duplicado**, de Denis Villeneuve e José Saramago”, analisa a obra saramaguiana e sua adaptação para o cinema, intitulada *Enemy*, de Denis Villeneuve, e as diferentes concepções de amor presentes nas duas produções. O fio condutor dessa exposição se dá pelo entendimento de que a obra romanesca e a fílmica se relacionam com isonomia, sem hierarquias. Isso coloca também em isonomia o autor literário e a direção cinematográfica, de forma que esta se sinta livre para alterar o material de origem conforme julgar necessário, enunciando sua visão de mundo.

Em “Sem um braço no paraíso? Reflexões sobre a ironia lukácsiana em José Saramago”, Isabela Padilha Papke costura, pelo fio do conceito lukásiano de ironia, o oitavo canto infernal, *Malebolge*, de **A divina comédia**, e obras de Saramago, como crônicas de **A bagagem do viajante**, **O homem duplicado** e **Manual de pintura e caligrafia**. Trata-se de reflexão sobre a escrita reveladora da busca de si mesmo, eterna batalha travada pelo escritor, “que se prova, aqui, válida, e se faz grata, pelo fato de que, essa ironia lukácsiana, que se dispõe enquanto autorreconhecimento de impotência, desponta como um raio de potência literária, de sobrevivência, do único modo irônico de que somente a ironia é capaz de ser [...]”, conforme anuncia a própria autora.

“Gênero e gênero em Saramago” é o título do artigo de José Leite Jr. Nele, o professor explora dois sentidos da palavra “gênero”: o de gênero do discurso e gênero referente à sexualidade feminina, tomando como norte o fato de que José Saramago se notabiliza pela valorização do gênero feminino em todos os gêneros literários que ele produziu, poesia e prosa. A análise dos trechos permite deduzir que as variantes figurativas femininas reiteram a invariante actancial adjuvante, já que a mulher ajuda o sujeito a adquirir as competências cognitivas e pragmáticas sem as quais seria frustrada a realização do contrato narrativo. Dessa forma, o estudo configura

o valor transgressivo do gênero feminino como poder de desmascarar a dissimulação ideológica como uma prática amorosa da humanidade.

O ensaio “A estética do homem bestificado: engajamento e narrativa em **Ensaio sobre a cegueira** e o **Ensaio sobre a lucidez**, de José Saramago”, escrito por Junia Saraiva, estuda como as obras mostram a transformação do homem em um ser bestializado diante do sistema capitalista que o transforma em vítima de sua própria criação. Segundo a autora, Saramago reproduz essa bestialização humana na escrita por meio de estética própria e instigante, reveladora da tranquilidade pelo espelhamento da brutalidade do capitalismo social.

Mateus Roque desenvolve seu artigo a partir da ideia de que José Saramago é um autor histórico, estudando a urdidura de alegorias representativas do mundo concreto, passado e presente, de modo a estar em diálogo com historiadores, em especial com a escola francesa dos *Annales*. Porém, o norte de sua percepção histórica é o pensador Karl Marx, respaldando-se na concepção de História total, isto é, aquela que almeja compreender, em um mesmo plano narrativo, todos os sujeitos históricos, ricos e pobres, clérigos e leigos. Assim, o artigo “Em defesa de uma História total: o poético e o histórico em José Saramago” trata de elucidar como essa concepção se materializa em sua literatura.

Por sua vez, Renata Villon analisa a importância da visão no processo de apagamento de subjetividade em artigo intitulado “Cegos que, vendo, não veem, a animalização do outro em **Ensaio sobre a cegueira**”. Baseando-se nas teorias da animalidade, a autora compreende que a obra trata de uma cegueira muito maior do que a física, a cegueira para o Outro, e como ela tem danificado as relações humanas e não humanas igualmente. Em contrapartida, “a verdadeira visão seria a que considera o Outro, e que a violência e a desolação retratadas e que ocorrem quotidianamente se devem a uma falta de empatia a tudo e todos que são considerados menos que humanos [...]”.

“Em busca do eu desconhecido: amor e subjetividade errante em **O conto da ilha desconhecida**, de José Saramago” é o artigo de Vanessa Cardozo Brandão. Em seu estudo, a autora parte do fato de que José Saramago trata do tema da viagem de forma recorrente em várias de suas obras. Ela considera que, na perspectiva filosófica, percebe-se a temática como reflexão sobre o homem e sua viagem no mundo, a viagem da

vida, do ser, do “ser-no-mundo”, conforme Heidegger. Segue refletindo que, em dupla interpretação, a viagem é o percurso do próprio texto – viagem da escrita, viagem da leitura, sentidos errantes como o próprio viajante, em “metaviagem”. Chega então às reflexões sobre **O conto da ilha desconhecida** (1998), objeto específico do trabalho, em que tematiza a dupla leitura da viagem ainda em diálogo com a reflexão sobre a subjetividade. Nessa obra, a ideia de subjetividade é atravessada pelo encontro com o outro como aventura, “a partir da relação amorosa desenhada no texto [...]”.

Para nós, organizar este material foi uma das muitas situações pelas quais podemos confirmar como Saramago se tornou uma persona paradigmática, tanto no que se refere a sua escrita literária quanto na sua postura de ser pensante e atuante, crítico mordaz deste mundo, envolvendo a todos com sua prosa digressiva, seus discursos implacáveis, sua posição amorosa, sempre num alinhamento ético-estético.

## Referências

ARIAS, Juan. **Jose Saramago: el amor posible**. Barcelona, Planeta, 1998.

CAMPOS, A.S. «José Saramago’s ‘magical’ historical materialism». *Saramago’s Philosophical Heritage*, edited by Carlo Salzani, and Kristof K. P. Vanhoutte. Palgrave Macmillan, 2018, pp. 61-80.

CAMPOS, A. S. José Saramago’s ‘magical’ historical materialism. **Saramago’s Philosophical Heritage**, Palgrave Macmillan, 2018. p. 61-80.

GÓMEZ AGUILERA, Fernando (org.). **José Saramago nas Suas Palavras**. Tradução dos textos em espanhol, francês e italiano de Cristina Rodrigues e Artur Guerra. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2010.

GÓMEZ AGUILERA, Fernando (org.). **As palavras de José Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p.53

SARAMAGO, José. **A jangada de pedra**. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2015.

SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo**. Belém: ed.UFPA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013. p. 14.

SARAMAGO, José. José Saramago: El deber de ser português.[Entrevista cedida a] Sol Alameda. **El País**, Madri, Suplemento El País Semanal, 23 abr. 1989.

SARAMAGO, José. José Saramago: Gárzon Hizolo que debía.[Entrevista cedida a] Peio H. Riano. **Público**, Madri, 20 nov. 2008.

PUENT, Antonio. La ce, um eufemismo. El Independente, Madri, 29 ago.1987

SARAMAGO, José. “Em busca de um nombre”[Entrevista cedida a] “Juan Manuel Villalobos. **La Jornada**, Cidade do México, 3 dez. 1998.

SARAMAGO, José. Uma certa idéia de Europa. [Entrevista cedida a] Clara Ferreira Alves.**Expresso**, Lisboa, 7 ago. 1993.